

ECONOMIA

Brasil

Economia com o pé no acelerador

Governo solta rédeas do crédito e prevê crescimento de 6% já no último trimestre do ano

Sílvia Faria e Rachel Bertol

BRASÍLIA e RIO

A retomada do crescimento da economia é um fato que veio para ficar. O Banco Central projeta um incremento da atividade produtiva de 6% do PIB para o último trimestre do ano, resultante de uma recuperação crescente. Para 1997, as projeções sinalizam um crescimento estável entre 5% e 6% do PIB. O presidente do BC, Gustavo Loyola, disse ao GLOBO que não está nem um pouco preocupado com o aquecimento, que já era previsto pelo Governo. Mas adiantou que não é possível continuar flexibilizando as medidas de restrição ao crédito.

— Chegamos ao final dos espaços para flexibilização — disse, depois do anúncio das últimas medidas de liberação do pagamento dos cartões de crédito.

Ele lembrou que as medidas de restrição ao crédito e a elevação das taxas de juros foram adotadas no ano passado, quando a economia apontava para um crescimento explosivo da ordem de 10% do PIB, ameaçando o equilíbrio das contas externas e, conseqüentemente, a política de estabilização. As vendas tinham crescido 28% em relação ao ano anterior e era preciso uma forte contenção do crescimento. Em 1996, está ocorrendo o oposto. As medidas de flexibilização começaram a ser tomadas no final do ano passado com efeitos a partir do primeiro trimestre desse ano. Mas tudo sob total controle do Banco Central e dentro do que é possível crescer sem ameaçar o controle da inflação.

Para a oposição, o Governo vem adotando medidas flexibilizadoras para resgatar o desgaste de imagem junto à opinião pública, às vésperas das eleições municipais. O senador Eduardo Suplicy (PT-SP) disse que espera ainda do Governo novas medidas, porque as adotadas até agora não atenderam às demandas sociais. Já o deputado Roberto Brandt (PSDB-MG) contesta tal afirmação, lembrando que desde que adotou as medidas de aperto em março de 95, por causa da crise mexicana, o Governo avisou que assim que equilibrasse as contas externas voltaria a flexibilizar os controles, como vem fazendo.

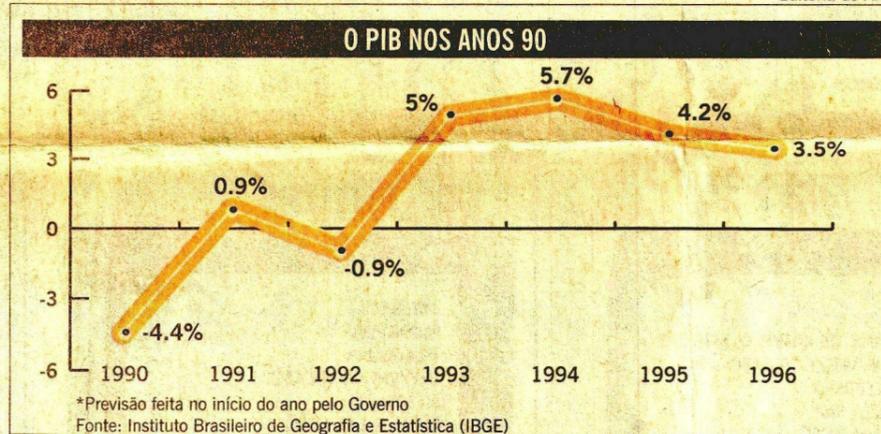
— A oposição me dá pena. Quando aperta, reclama. Quando solta, reclama. Afinal, o que eles querem? — perguntou o deputado tucano.

O boletim de conjuntura econômica elaborado pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda, baseado nas análises de diversas entidades, mostrou que a reativação começou a acontecer a partir de abril. O emprego começou a crescer e todas as projeções independentes indicam que a in-



O PRESIDENTE DO BC, Gustavo Loyola: equipe econômica considera que é possível crescer sem ameaçar política de controle da inflação

Editoria de Arte



flação vai cair para entre 0,4% e 0,9% em agosto, considerando o IPC da Fipe, o INPC e o IGP-M.

As vendas da indústria cresceram 10,4% de março para abril, segundo a Confederação Nacional da Indústria. A estabilidade da produção industrial vem se mantendo desde o fim de 95, segundo o IBGE, mas voltou a apresentar um crescimento significativo em abril, em relação a março, de 2,6%. Os setores da indústria que mais cresceram do final de 95 até abril foram: extrativo-mi-

neral, 12,07%; mobiliário, 10,9%; e mecânico, 9,2%. As maiores quedas no crescimento foram verificadas nos setores farmacêutico, -13,1%; de madeira, -13,1%, e de bebidas, -5,1%.

O desemprego, segundo o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), passou de 6,38% em março para 6,03% em abril, com queda de 5,5%. O número de ocupados cresceu em 133,4 mil pessoas entre março e abril de 96. Em relação a abril de 95, o crescimento foi de 239,2 mil, verificado em todos os

setores com exceção do comércio.

As promessas do Governo de continuar com a política de redução gradual dos juros é referendada pelo mercado, que aposta em futuras reduções que derrubariam a taxa para 1,93% em junho, contra 1,95% e 2,08% sinalizadas pelo *overnight*. Loyola acha que as margens para a redução estão praticamente esgotadas, considerando as taxas reais. Mas com a queda de inflação esperada, certamente os juros ficarão inferiores. As projeções do mercado futuro indicam uma taxa Selic (um mix de títulos públicos) para o ano de 27% contra 53% do ano passado.

Enquanto o Governo alardeia aos quatro ventos a recuperação da economia, os economistas põem a barba de molho. Que o país pode chegar ao fim do ano crescendo 6%, disso eles não duvidam — mas até que ponto esse ritmo se sustenta?

O economista da CNI, Flávio Castelo Branco, diz que o aquecimento registrado até agora se deu a partir de uma bolha de consumo criada com a liberação dos prazos de financiamento do crédito — e que tende a engordar com as medidas determinadas terça-feira para os

cartões de crédito.

A dúvida agora, segundo Castelo Branco, é saber se a indústria conseguirá acompanhar o ritmo que está começando a se impor. Se houver um descompasso, o país corre o risco de enfrentar problemas semelhantes aos de 95: déficit excessivo na balança comercial e necessidade de segurar a economia no cabresto, com altos juros e restrições ao crédito.

— Seria muito ruim o país mostrar, pelo segundo ano, que só consegue crescer gerando grandes déficits comerciais — afirma.

— O Dornbusch acerta no conceito, mas erra na quantidade — diz o diretor da Fiesp Horácio Lafer Piva, referindo-se ao economista Rudiger Dornbusch, que previu uma catástrofe para a economia brasileira, ao estilo mexicano.

Dornbusch erra na quantidade, porque o país tem reservas internacionais — uma garantia de que conseguirá honrar suas obrigações com o mundo — de quase US\$ 60 bilhões, o que é bastante dinheiro. Dá muito bem para sustentar o crescimento de 6% no fim do ano, o que, junto ao resultado do primeiro trimestre, deve resultar num aumento do PIB de cerca de 3% a 4% em 1996. Sob essas condições, as previsões são de que a balança comercial ficará equilibrada (entre US\$ 2 bilhões, negativos ou positivos) e o déficit na conta corrente do país não será superior a 2,5%.

— Por enquanto, está tudo sob controle, o problema é a sinalização a longo prazo — ressalta Castelo Branco.

Setores que mais crescem são os que atendem os setores de baixa renda

Os setores que mais crescem são os que atendem ao consumo das classes de baixa renda. O setor alimentício, segundo a Federação das Indústrias do Rio (Firjan), cresceu 4,56% nos cinco primeiros meses do ano; o vestuário, 21,55%; e as vendas de produtos de perfumaria, 6,73%. Mas o que é bom mesmo, a venda de máquinas para a indústria, por exemplo, está evoluindo mais lentamente. O setor de produtos mecânicos acumula queda de 10,71% nos cinco primeiros meses.

Saber até que ponto a economia pode crescer, hoje, é uma dificuldade:

— A sintonia macroeconômica está muito difícil, por causa da falta de ajuste fiscal — acredita Horácio Lafer Piva.

Há muito a ser feito para se chegar a níveis fortes de crescimento, segundo Piva. Além das reformas constitucionais, as exportações precisam crescer muito — no ano passado, a exportação mundial de manufaturados cresceu 25%, e no Brasil somente 2,5%. ■

COLABOROU Corban Costa